

OS TOPÔNIMOS NA CIDADE DE ANICUNS: um olhar para a masculinidade dominante na toponímia local

*THE PLACE NAMES IN THE CITY OF ANICUNS: a look at dominant
masculinity in local toponymy*

ANNA FLÁVIA LIMA SOUZA (UEG)¹
KÊNIA MARA DE FREITAS SIQUEIRA (UEG)²

Resumo:

Este artigo discute a relação entre língua, memória e poder na constituição dos topônimos políticos da cidade de Anicuns, Goiás. A partir da história local e da análise crítica do discurso, observa-se que a maioria dos nomes de ruas, praças e setores homenageia figuras masculinas, revelando uma prática social de invisibilização feminina. O estudo evidencia como os dispositivos amoroso e materno, associados às mulheres, contribuem para sua exclusão dos espaços de representatividade pública. A pesquisa busca compreender como a toponímia reflete estruturas de poder e gênero, propondo uma reflexão sobre a necessidade de maior inclusão de nomes femininos na memória urbana.

Palavras-chave: Toponímia; Masculinidade; Gênero; Anicuns; Memória.

Abstract:

This article discusses the relationship between language, memory, and power in the constitution of political toponyms in the city of Anicuns, Goiás. Based on local history and critical discourse analysis, it is observed that most street names, squares, and sectors honor male figures, revealing a social practice of female invisibility. The study highlights how the loving and maternal roles associated with women contribute to their exclusion from spaces of public representation. The research aims to understand how toponymy reflects structures of power and gender, proposing a reflection on the need for greater inclusion of female names in urban memory.

Keywords: Toponymy; Masculinity; Gender; Anicuns; Memory.

INTRODUÇÃO

A língua é um fator indispensável na sociedade, pois documenta e preserva histórias, memórias e culturas. Nesse contexto, os **topônimos** — nomes atribuídos a lugares —

¹ Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI-UEG).

² Mestrado e Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2003), (2010) respectivamente. Atualmente, é docente ensino superior da Universidade Estadual de Goiás, atuando como professora do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG).

constituem elementos fundamentais para compreender a identidade de uma comunidade. Em Anicuns, cidade fundada em 1749, os nomes de ruas e praças refletem não apenas a história local, mas também relações de poder e representatividade.

Este artigo analisa os **topônimos políticos** da cidade, destacando a predominância de nomes masculinos e discutindo como essa prática se relaciona com dispositivos sociais que reforçam a masculinidade dominante e a invisibilidade feminina nos espaços públicos.

HISTÓRIA DE ANICUNS: UM ESTUDO NA TOPONÍMIA LOCAL

A história da cidade de Anicuns se inicia no século XVIII, no ano de 1749. Quando Bartolomeu Bueno Da Silva propagou na região um ponto de apoio que dava assistência aos tropeiros que passavam destinados à cidade de Goiás. Bartolomeu encontrou na região a tribo Guanicuns, pertencente à nação Tapajós que ali habitavam e com a ajuda da índia Damiana da Cunha catequizou os índios e converteu-os ao catolicismo que a partir daí foram os exploradores do metal precioso em abundância que havia na cidade. Esse fato atualmente recebe o nome de “lenda do boi de ouro”, pois devido à profundidade do veeiro da mina ficou difícil acesso aos trabalhadores e durante um dia de serviço os túneis desmoronaram e muitas pessoas foram mortas.

Muitos topônimos da cidade foram influenciados pelas histórias da criação da cidade e, portanto, faz-se necessário destacá-la.

Topônimo é o estudo de nomes de lugares, especificamente seus significados, tipologia, uso e origens. O termo topônimo é derivado da palavra grega topos que significa “região” e onoma que significa “nomear”. O estudo dos nomes regionais é chamado toponímia, que é um ramo da onomástica. Topônimo é a designação de um lugar, de uma região geográfica.

Nesse ensaio os topônimos estabelecidos são os topônimos políticos, que são os nomes de políticos que apresentam histórias na cidade e alguns locais são nomeados toponimicamente como forma de honra para os representados.

LÍNGUA E DOCUMENTAÇÃO

A importância de documentar dados de uma língua não se restringe a argumentos de somente conhecê-la, mas é fator de história, resgate de memória e cultura. Segundo Xavier (2008 p. 26) “[...] Lendas são relatos de um povo em que são expressos fatos historiográficos que consistem na expressividade de dados [...]”.

Segundo a crença popular, vinculada a argumentos de pessoas mais velhas, no fundo da mina havia uma caricatura de um touro de ouro que não podia ser encostado, pois a mina se estendia na caricatura do touro até a igreja da cidade como sinal de devoção, como os exploradores só pensavam no enriquecimento o castigo foi estabelecido e a mina não mais foi tocada. Atualmente é ensinada nas escolas a riqueza da cidade, o ouro em abundância fez com que os trabalhadores muito cavassem o que fez com que a estrutura da mina se abalasse e então desmoronou e vários trabalhadores morreram. Essa questão influenciou bastante o processo de emancipação da cidade.

Anicuns se localiza a 76 km da capital Goiânia. A cidade recebeu esse nome como homenagem aos pioneiros da cidade que seguindo por caminhos arredores pararam na região e denominaram-na como terra do ouro. Segundo moradores 18 antigos o nome da cidade também teve origem através do nome de um pássaro de enorme porte denominado Guanicans e da tribo indígena também denominada Guanicans descendentes da tribo Tapajós.

O estudo de língua e linguagem no contexto toponímico evoca substâncias inovadoras no que diz respeito à cultura. O estudo dos topônimos em Anicuns faz com que a cultura, a história da cidade seja lembrada, surgindo como fonte instigadora a novas pesquisas e estudos.

A organização e criação dos topônimos na cidade segue o padrão das cidades criadas no fim do século XIX. Seus nomes mostram as características que a cidade possui e conciliam as características dos moradores. Por se tratar de uma cidade do interior, a religião e a política são fatores que se destacam, o que pôde ser percebido ao decorrer da pesquisa. Nomes de líderes políticos e Santos são os que mais se destacam, ou seja, o topônimo carrega marcas sociais e atuais. Alguns topônimos são renomeados, o que mostra claramente marcas sociais, que geralmente, nos dados coletados recebem o nome de Santos ou líderes políticos.

O estudo dos topônimos deve partir do nome à sua origem, os artefatos utilizados para a percepção do topônimo, esse estudo manifesta história, cultura, lenda. O documentar uma

língua é importante até mesmo na toponímia, pois os fatos que permeiam nomeação existem e são pronunciadas, porém a pessoa que nomeou, não é eterna, com o findar do nomeador, o topônimo cai no esquecimento, portanto não pode ser esquecido sem que seja documentado. Nesse sentido Costa (2011 p. 38) afirma que:

o estudo do topônimo só pode ser feito a partir da história, das lembranças pois, a documentação nem sempre é feita, perdendo dados ao passar do tempo, o que atualmente contribui na perda de muitos dados que na concretude de poucos estudos vêm se perdendo.

A partir da coleta dos topônimos é que podemos perceber a riqueza vocabular que este propicia. Um topônimo, muitas vezes, é fonte de vários outros nomes e nem sempre possui a mesma ideologia. É indispensável o estudo toponímico, pois muitas características são evocadas e são partes integrantes de uma riqueza vocabular e cultural.

Nesse sentido os dispositivos de gênero foram percebidos como uma das características de nomeação na cidade. A maioria dos locais públicos da cidade são representados por nomes masculinos de pessoas com representatividade social na cidade. Dessa forma, os privilégios abordados

Djamila Ribeiro (2018) entende que “para desestabilizar um lugar de subalternidade, é preciso antes reconhecer-se nesse lugar”. E o mesmo se pode dizer do lugar de privilégio: é preciso se reconhecer nesse lugar para se tornar sensível à necessidade de superação também do privilégio, pois todo privilégio é necessariamente fruto e fonte de injustiça.

Essa pode ser uma das realidades das nomeações dos espaços sociais. O fator de falta de especulação e aceitação feminina faz com que essa prática seja natural e cada vez mais comum, que é o caso da cidade de Anicuns, mas, que não se distancia de outras realidades de nomeação.

O desafio decolonial propõe a produção de conhecimento acessível e útil para a superação de problemas. Isso inclui um pensamento mais próximo do cotidiano, uma superação da objetivação do outro, uma ciência de sujeito para sujeito, um saber compartilhado e mutuamente relevante, uma superação disciplinar. Ribeiro (2018) diz que “Não é simplesmente de um conhecimento novo que necessitamos; o que necessitamos é de um novo modo de produção de conhecimento”. Essas produções podem estar paralelas às

nomeações relacionadas aos topônimos, pois partem da prática social e garantem novos conhecimentos que estão relacionados à memória e perspectiva cultural.

Costa (2011 p. 63) afirma que:

uma vez que se sabe a ideologia e se tem arcabouço teórico pra afirmar, se concretiza uma história, essa que pode exprimir apenas fatos ou mesmo culturas que paralelo a língua e linguagem expressa fatores fundamentais. Para se concretizar uma história é necessário fatores argumentacionais.

O homem sente necessidade de nomear. O relato de um povo traz suas características e relatos que diz respeito à cultura. Ao documentar esses fatos permite-se que essa história, cultura fiquem vivas na lembrança e também na história de uma comunidade. E permite que estudos sejam realizados a partir da realidade, pois se não documentados, estes podem ser perdidos e esquecidos com o tempo e falta de uso.

Nessa circunstância todos esses nomes são considerados topônimos, pois Segundo Costa (2011, p. 21):

o topônimo é o meio que o homem emprega para humanizar a paisagem como parte de sua relação com seu ambiente geográfico. Colocar nomes é um meio de introduzir uma ordem humana à paisagem e ajuda a localização das coisas, cada ordem definida é um meio de familiarização com o ambiente.

MATERIAL E MÉTODO

A fonte histórica foi retirada de registros sobre a fundação de Anicuns e a lenda do boi de ouro, enquanto o corpus de análise é lista de topônimos políticos da cidade (ruas, praças, avenidas e setores). Como base para o referencial teórico autores como Platel (2005), Kehl (2007), Swain (2011), Firestone (1976) e Zanello, que discutem gênero, dispositivos sociais e relações de poder. O método parte da análise de discurso crítica, com enfoque na relação entre linguagem, poder e gênero, enquanto o procedimento foi através do levantamento dos nomes existentes, categorização por gênero e interpretação à luz das teorias sociais e feministas.

RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Na perspectiva de um olhar para a masculinidade dominante nos topônimos políticos da cidade de Anicuns, Platel (2005) diz que “gênero é um poderoso determinante social que

deveria ser levado em consideração nas análises e compreensão dos processos de saúde mental pelo mundo”. Nessa perspectiva percebe-se na tabela supramencionada que “os topônimos masculinos”, são maioria na cidade de Anicuns, o que pode ser o cenário de várias outras cidades no interior de Goiás.

Os estudos com a abordagem de gêneros contribuem ativamente para a compreensão de questões sociais como as masculinidades dominantes nas nomeações toponímicas das cidades do interior. Assim, é possível levantar alguns questionamentos sobre essa realidade. Não existem mulheres com nomes para representatividades? Quem são as esposas desses homens que recebem o topônimo como forma de privilégio? Qual é a intencionalidade na criação desses topônimos e o que distancia os “nomes femininos” dessa prática?

A linguagem, os dispositivos de poder e os discursos atuam sobre corpos e subjetividades femininas de forma paralela quando as masculinidades são representadas em “total poder”, isso pode ser visto claramente nos ambientes de relação política estabelecida, como é o caso dos topônimos políticos aqui relacionados. O capitalismo é determinante a respeito da transformação social atual. Nesse sentido Kehl (2007 p. 44) diz que:

com a consolidação do capitalismo, houve uma transformação social na qual se constituiu um lugar específico para algumas mulheres: a família nuclear e o lar burguês. Segundo a autora, esse lugar é tributário “da criação de um padrão de feminilidade que sobrevive ainda hoje, cuja principal função (...) é promover o casamento, não entre a mulher e o homem, mas entre as mulheres e o lar” (p. 44).

Para ela, a

Praça José do Patrocínio.	Rua Luis Martins Carvalho.
Av. Paulo Alves.	Rua J. Barbosa.
Estádio Ary Filho.	Serra do Felipe Chaud.
Rua Lucas Martins.	Setor Flávio Neto.
Avenida Benjamim Constant.	Loteamento Roberto Lobo.

“função da feminilidade, nos moldes modernos, foi a adequação entre a mulher e o homem a partir da produção de uma posição feminina que sustentasse a virilidade do homem burguês” (Kehl, 2007, p. 44).

O processo de criação dos topônimos passa por uma convenção social que, dessa forma, segue a prática da “masculinização” dos nomes em espaços de representatividade. A visibilidade feminina nesses espaços é diminuída e ocasionalmente substituída. Nesse sentido os dispositivos amoroso e materno impostos para o público feminino continuam a fazer parte da estratégia de diminuição de mulheres nesse contexto representacional, pois, estas estão em casa, sendo esposas e mães para a relação de segurança estabelecida por esses dispositivos como habitual e fonte de sucesso.

Como nos diz Swain (2011 p 11) diz que:

o amor está para as mulheres, como o sexo está para os homens. A autora aponta que o dispositivo amoroso constrói corpos-em-mulher, prontos a se sacrificarem por amor a outrem. Só se compreende o discurso de uma “verdadeira” mulher, dentro desta lógica a qual o dispositivo torna enunciável e, principalmente, constituinte das mulheres, na sua relação com “ser mulher”: “É a reprodução de antigas fórmulas que caracteriza as mulheres: doces, devotadas, amáveis e, sobretudo, amantes. O amor as atualiza na expressão identitária de ‘mulheres’: é sua razão de ser e viver. Elas estão dispostas ao sacrifício e ao esquecimento de si por ‘amor’” (Swain, 2012, p. 11).

O posicionamento feminino de amor romântico seria um amor corrompido pelas relações de poder, pois estimula e pressupõe uma dependência psicológica das mulheres. Segundo Firestone (1976), “o romantismo se desenvolveu em proporção à libertação das mulheres de sua biologia, ou seja, como nova forma de poder e controle sobre elas. Se antes as mulheres eram desrespeitadas, agora são elevadas a um falso estado de adoração, presente na galanteria, a qual constrói um ideal”. Dessa forma reforça o ideal de que as práticas sociais de criação dos topônimos majoritariamente masculinos representam a funcionalidade de uma sociedade que vê a mulher associada a esses dispositivos. Portanto, ser representada por um topônimo não é para a mulher uma relação de prática de sucesso, mas sim a execução de seus dispositivos, nesse caso os dispositivos amoroso e materno evidenciados por Zanello (1976 p. 181) que diz que:

Um aspecto importante é a quantidade de energia investida na relação amorosa. Como aponta Firestone (1976): “(...) a atual organização física dos dois sexos prescreve que a maioria das mulheres gaste sua energia emocional com os homens, ao passo que os homens devem ‘sublimar’ sua energia no trabalho” (p. 181). Em suma, o amor das mulheres torna-se combustível para a manutenção da relação heterossexual, para os homens e para a “máquina cultural”.

Zanello, por sua vez, mostra a prática de sublimação de energia dos homens totalmente voltadas ao trabalho, que nesse sentido ilustra algumas das hipóteses dessas nomenclaturas masculinas serem tão “normais e habituais”. A posição feminina seria o combustível de manutenção que as mulheres desenvolvem em casa para que o marido esteja sempre “bem apresentado e livre” para desenvolver-se profissionalmente e assumir cargos de “poder” que os levam a ser colocados em espaços de representação social, como o recebimento de um topônimo como forma de prestígio.

Collin (2009,p. 71), no texto em que fala sobre a representação da mulher em campanhas publicitárias salienta sobre a visibilidade negativa representada colonialmente nessas mídias.

A condição da diferença dos sexos já estava presente desde a Filosofia ocidental, a partir do questionamento sobre as mulheres atestarem serem os “outros” do sujeito falante, pensante e desejante. Aristóteles, na Grécia antiga, responde a este questionamento afirmando a dupla natureza do homem e da mulher. Já Platão, defende a unicidade, tanto da natureza, quanto dos papéis de ambos os sexos. Porém a hierarquia entre os sexos vem para sanar esta distinção, visto que tanto na unidade ou na dualidade, as mulheres sempre estão no lado inferior.

Assim, o papel da mulher seria estar em casa, cuidando dos filhos e da casa no sentido de deixar “as energias” do marido para a execução fora de casa, enquanto o sucesso da esposa seria o de proporcionar um lar e filhos bem cuidados, assim, desenvolvendo os dispositivos amoroso e materno com maestria, enquanto o papel do homem/marido é muito reconhecido fora de casa em relações interpessoais que têm seus nomes representativos de topônimos.

Zanello (2018, p. 11) diz que:

Muitas mulheres acabam por se casar com o próprio casamento, independentemente do parceiro que arranjam, e principalmente, da satisfação ou não que tenham com essa relação. Muitas mulheres suportam melhor o desamor do que o não ter alguém. E adoecem. Não pelo amor, como uma entidade metafísica, mas por um modo de entender e viver o amor como questão identitária. Em muitos casos, a mediação do casamento se dá pelo ideal que ela gostaria que seu parceiro fosse (casa-se com a esperança do que ele venha a ser), mais do que o homem real ali presente. Várias tecnologias de gênero participam na criação, recriação e manutenção da crença de que é possível transformar mesmo uma besta em um príncipe encantado, dependendo apenas do amor, da dedicação e da paciência da mulher. Em outras palavras, caso isso não aconteça, é bem possível que tenha havido uma suposta “falha” na própria mulher. Não podemos esquecer nunca que o término de uma relação amorosa, em nossa cultura, coloca identitariamente em xeque a mulher, e não ao homem, mesmo que o pivô da separação tenha sido algum comportamento dele.

As palavras de Zanello ilustram a masculinidade hegemônica dominante na sociedade atual, o que é ilustrado pela tabela de topônimos políticos representada acima. A identidade que recebe maior representatividade é a masculina. As mídias e várias tecnologias ilustram essa perspectiva de dominância masculina em contextos sociais, o que pode ser também uma das marcas que ilustram as nomeações toponímicas.

Essa visibilidade inferiorizada do papel feminino em cargos de poder pode ser representada também nos topônimos políticos fora da cidade de Anicuns. Mulheres em cargos políticos atualmente são minoria próximo ao dos homens, e não obstante esses cargos jamais pertenceriam a uma mulher, simplesmente pelo fato de ser mulher.

Nesse sentido, os topônimos acima relacionados são uma ilustração de como os cargos de poder ainda são estereotipados pelo gênero masculino usando a teoria dos dispositivos como “alicerce” para o crescimento hegemônico das masculinidades em cargos de representatividade social e poder.

É, nesse sentido, que a documentação de artefatos da língua, nesse caso específico tratando-se de topônimos, precisam ser registrados, pois é a partir dos registros que os estudos são possíveis. Todos os topônimos supramencionados em tabela estão registrados, mas não exclui a hipótese de que já tenham recebido outras nomenclaturas no passado.

Os temas Decolonialidades, Gênero e Discurso a partir da América Latina estão inseridos na Agenda dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) até 2030, para que essas características de igualdade de gênero sejam modificadas é necessário que políticas públicas de inserção do público feminino em locais de poder sejam institucionalizadas, pois as reflexões a partir dos topônimos ainda refletem total colonialidade na masculinidade toponímica na cidade.

REFERÊNCIAS

COSTA, Alessandra. **Estudo Lexical dos Nomes Indígenas das Regiões de Aquidauana, Corumbá e Miranda no Estado de Mato Grosso do Sul: A Toponímia Rural**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2021.

COLLIN, J. **Gênero e sociedade**. São Paulo: ABC, 2009.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxenômicos**. 1980. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

FIRESTONE, Shulamith. **A dialética do sexo: o caso da revolução feminista**. Rio de Janeiro: Editora Labor do Brasil, 1976.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

PLATEL, Juliette. **O livro didático sob a ótica do gênero**. Revista Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 8, n. 1, p. 15-34, 2005. DOI: <https://doi.org/10.15210/rle.v8i1.15602>

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SWAIN, Tânia Navarro. **A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário?** Textos de História, Brasília, v. 8, n. 1-2, p. 13-30, 2001.

XAVIER, Antônio Batista. **Anicuns Terra do Ouro e Contos Mais**. Goiânia, Kelps. 2008.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação** 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.
<https://www.researchgate.net/publication/379143956>. Acesso em: 01/06/2025.